

## JANE FOSTER PODE SER THOR? SAÚDE DA MULHER, REPRESENTATIVIDADE, CONTESTAÇÕES RELIGIOSAS E LUTA PELA EQUIDADE DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

CAN JANE FOSTER BE THOR? WOMEN'S HEALTH, REPRESENTATION, RELIGIOUS DISPUTES AND THE FIGHT FOR GENDER EQUITY IN COMICS

¿PUEDE JANE FOSTER SER THOR? LA SALUD DE LAS MUJERES, LA REPRESENTACIÓN, LAS DISPUTAS RELIGIOSAS Y LA LUCHA POR LA EQUIDAD DE GÉNERO EN LAS HISTORIETAS

Márcio José Pereira \*  
Eduardo de Moraes Faria\*\*

### RESUMO

O gênero feminino nas Histórias em quadrinhos (HQ's) por muito tempo esteve relegado ao papel de coadjuvante até o aparecimento das heroínas. Entretanto, a sua produção e consumo se restringia ao público masculino, fato que manteve alguns estereótipos de comportamento, a sexualização e a objetificação das mulheres que passaram a fazer parte deste universo. O objetivo deste artigo é realizar um estudo de caso dos títulos publicados pela editora Marvel Comics: "Thor" (2014-2015) e "Mighty Thor" (2015-2018), buscando captar as interpretações presentes quanto às questões de representatividade, saúde da mulher e religião, tendo como objeto específico a personagem Jane Foster. Metodologicamente, a fonte foi fichada e articulada a partir de um corpus teórico que alcançam os debates de cultura de massa e dos estudos de gênero, como Barcellos (2000), Braga e Reblin (2015), Mccloud (2006), Rahde (1996), entre outros, para entender as possibilidades narrativas e críticas de um produto da indústria cultural. Defendemos que os comics, dada a sua popularidade, podem ser obras reflexivas de inúmeros debates sociais e que não só contribuem para a ampliação intelectual, mas vão ao encontro de questões que estão muito além do simplificado confronto entre bem e mal.

**Palavras-chave:** Jane Foster. Thor. Histórias em quadrinhos. Saúde da mulher. Religião.

### ABSTRACT

The female gender in comics was for a long time relegated to the supporting role until the appearance of the heroines. However, its production and consumption was restricted to the male audience, a fact that maintained some stereotypes of behavior, sexualization and objectification of women who became part of this universe. The objective of this article is to carry out a case study of the titles published by the publisher Marvel Comics: "Thor" (2014-2015) and "Mighty Thor" (2015-2018), seeking to capture the present interpretations regarding issues of representativeness, health of women and religion, having as specific object the character Jane Foster. Methodologically, the source was written and articulated based on a theoretical corpus that reaches mass culture debates and gender studies, such as Barcellos (2000), Braga and Reblin (2015), Mccloud (2006), Rahde (1996) etc., to understand the narrative and critical possibilities of a cultural industry product. We argue that comics, given their popularity, can be reflective works of countless social debates and that not only contribute to intellectual expansion, but also address issues that go far beyond the simplified confrontation between good and evil.)

**Keywords:** Jane Foster. Thor. Comic books. Women's health. Religion.

### RESUMEN

El género femenino en los cómics estuvo durante mucho tiempo relegado al papel secundario hasta la aparición de las heroínas. Sin embargo, su producción y consumo estaba restringido al público masculino, hecho que mantenía algunos estereotipos de comportamiento, sexualización y objetivación de las mujeres que pasaban a formar parte de este universo. El propósito de este artículo es realizar un estudio de caso de los títulos publicados por la editorial Marvel Comics: "Thor" (2014-2015) y "Mighty Thor" (2015-2018), buscando observar las interpretaciones actuales sobre temas de representatividad, salud de la mujer y religión, teniendo como objetivo específico el personaje Jane Foster. Metodológicamente, la fuente fue redactada y articulada a partir de un corpus teórico que llega a los debates de la cultura popular y los estudios de género, como Barcellos (2000), Braga y Reblin (2015), Mccloud (2006), Rahde (1996) etc., para comprender las posibilidades narrativas y críticas de un producto de la industria cultural. Sostenemos que los cómics, dada su popularidad, pueden ser obras reflexivas de innumerables debates sociales y que no solo contribuyen a la expansión intelectual, sino también abordan cuestiones que van mucho más allá del enfrentamiento simplificado entre el bien y el mal.

**Palabras-clave:** Jane Foster. Thor. Historietas. Salud de la mujer. Religión.

\* Professor do Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC) e do Núcleo de Pesquisas em Direitos Humanos e Políticas de Memória (DIHPOM).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9519-3797>  
E-mail: [mjpereira@uem.br](mailto:mjpereira@uem.br)

\*\* Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Nove de Julho. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4568-7857>  
E-mail: [edu.moraes08@hotmail.com](mailto:edu.moraes08@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

É fato que as Histórias em Quadrinhos (HQ's) representam na atualidade global um meio de comunicação em massa, cujo alcance popular, mesmo diante da popularização da internet e dos meios eletrônicos de leitura (tablets, e-readers, smartphones), ainda é muito expressivo. Esta consideração parte do fato dos quadrinhos enfrentarem um conjunto moderno de concorrentes de outros meios de comunicação e entretenimento, como os canais on demand, diversificação das plataformas interativas e da realidade aumentada e mesmo assim, manter números significativos relacionados a comercialização de HQ's mundialmente. Enfatizamos que, das grandes produtoras às obras independentes em menor escala, todas incorporaram a globalização econômica em seus processos de produção, garantindo dessa maneira, a sobrevivência em um mercado cada vez mais acirrado e debates que cada vez mais se aproximam com o cotidiano do público leitor.

A comunicação por imagens se faz presente desde a pré-história da humanidade, conforme afirma o pesquisador Waldomiro Vergueiro (2018), evoluindo sua narrativa durante a Antiguidade e Idade Média. O advento da imprensa também impactou no crescimento de obras que:

[...] aliavam, com bastante eficiência, a palavra impressa a elementos pictóricos que atendiam aos mais diversos objetivos, desde a doutrinação religiosa à disseminação de ideias políticas, passando ainda pelo simples entretenimento (VERGUEIRO, 2018, p. 10).

Segundo Maria Rahde (1996), é somente em 1889 na França e em 1896 nos EUA que surgem os comics modernos, fruto do interesse deste texto. A autora enfatiza que a introdução das HQs começa como tiras de jornais, podendo trazer o significado de comunicação de massa ou organização de informação e cultura. Embora consideradas uma subcultura por muito tempo, os quadrinhos trazem uma complexa narrativa que une a linguagem verbal e a não verbal, gerando interpretações baseadas na carga cultural e formação social do receptor, de acordo com Marjory Palhares (2008).

Moacy Cirne (1977) argumenta que a expectativa de que os comics era uma cultura menor foi acompanhada do pensamento de que o seu consumo seria prejudicial ao desenvolvimento intelectual infantil, podendo causar a delinquência juvenil. Entretanto, essa visão relega para Scott McCloud (2006) o seu papel vital social, no qual é uma das poucas formas de comunicação pessoal em um mundo corporativo, ainda que seja produto da indústria cultural. A perspectiva da década de 90, segundo McCloud (2006), era que as histórias em quadrinhos fossem dignas de estudo, assim como o panorama de produção e consumo sofresse alterações, distanciando-se de um rótulo de comercialização apenas para consumidores brancos, héteros, cisgêneros e de condição financeira relevante, classes A e B. É a partir desta perspectiva que nasce este artigo para discutir o enredo protagonizado por Jane Foster como Thor em 38 edições (2014-2018) roteirizadas por Jason Aaron e desenhadas, em sua maioria, por Russell Dauterman para a editora Marvel Comics.

Embora sejam arrolados vários personagens da trama durante o texto, gostaríamos de enfatizar que a análise está focada na figura da personagem Jane Foster, nas edições publicadas pela Marvel no título "Thor" em 8 edições entre 2014 e 2015, e em "Mighty Thor" do número 1 a 23 e 700 a 706 durante 2015 a 2018, contabilizando 29 edições. O objetivo é debater as críticas dos autores quanto às questões de representatividade, saúde da mulher, aspectos de religião e questões baseadas em disputas pela equidade de gênero.

## 2 A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM QUADROS

O personagem mitológico Thor aparece na *Marvel Comics* pela primeira vez na revista *Journey into Mystery* número 83 em 1962. Ele foi criado por Jack Kirby, Larry Lieber e Stan Lee. Na trama, o deus do trovão é banido de Asgard e exilado em Midgard (Terra) como o frágil médico Donald Blake. A trajetória de Thor nos comics foi narrada por diversos artistas, culminando em constantes mudanças no personagem, seja na personalidade ou vestiário, atendendo as tendências do público, no entendimento de Marlon Maltarro (2016). Entretanto, nenhuma dessas alterações do conjunto da obra vinculada ao personagem Thor, foi mais polêmica que a realizada pelo roteirista estadunidense Jason Aaron em 2014, quando tornou o deus do trovão indigno de erguer o martelo Mjölfnir e entregou os poderes divinos a Jane Foster, antigo interesse amoroso do deus do trovão. Em resumo: destituiu o protagonismo e a personalidade heroica de um homem, branco, hétero, cisgênero e a deu a uma mulher, coadjuvante, frágil, cientista/enfermeira, logo, "desqualificada" por inúmeros fãs de Thor, para exercer a função de segurar o martelo. Na figura abaixo vemos a primeira manifestação de Jane Foster como Thor (MARVEL, 2014):

Figura 1 - Nascimento da Thor



Fonte: Thor. New York: Marvel Comics, n.1, out. 2014.

A indústria dos quadrinhos em seu início trouxe uma narrativa em que as mulheres eram “mocinhas” a serem salvas ou “vilãs provocadoras”, as personagens eram virgens e puras e seu oposto, sexuais e promíscuas. Na opinião de Ediliane Boff (2014), esse discurso naturaliza comportamentos de gêneros, justifica o corpo a partir do patriarcado e idealiza a hierarquia sexual. As personagens apesar de representarem o sexo feminino, não necessariamente refletem os interesses políticos, sociais e ideológicos.

Durante os anos 40, as mulheres apareciam como namoradas ou coadjuvantes, com valorização da beleza e o lado romântico, mas a partir da maior inserção feminina no mercado de trabalho, surgem tiras cômicas, as “Family Strips”, em que apesar da mulher aparecer como autoritária, ao menos desempenhava um papel de destaque, como destaca Ediliane Boff (2014). Diante do desejo de ampliar o público consumidor, o protagonismo chega até as mulheres com títulos melodramáticos para reforçar o casamento como um ideal e temáticas romantizadas. A partir de 1950-1960 surgem inúmeras heroínas, mas Kelia Melo e Maria Ribeira (2015) compreendem que ainda existia a percepção da falta de capacidade feminina, pois personagens como *Batgirl* e *Supergirl*, ainda encaravam situações em que precisavam ser salvas.

A criação da Mulher Maravilha pelo cartunista e psicólogo William Marston trouxe o simbolismo de força, vontade emancipadora e inserção da mulher como sujeito e relevante no mundo social. A personagem, para Boff (2014), extrapola os comics por representar um ícone popular de conhecimento até mesmo do público leigo. Quanto aos títulos “*Thor*” e “*Mighty Thor*”, a representatividade feminina é o destaque. A começar com o protagonismo de Jane Foster como Thor, pois além de ser considerada merecedora de erguer o martelo místico, a inscrição que acompanha a arma sofre uma alteração de gênero e passa a ser “Aquele que empunhar este martelo se for digna, possuíra o poder de Thor”, logo o roteirista desconstrói a entidade Thor como um ser masculino e afirma que a mulher também é capaz de fazer algo antes impossível para o gênero.

A transformação do personagem não é algo revolucionário, aos leitores assíduos da HQ não é novidade essa mudança das características físicas do personagem, o mesmo já foi um sapo (Throg), um alien (Bill Raio Beta), um homem obeso (Volstagg) e na revista What If, número 1 (edição de agosto de 1978) Jane Foster se apresenta como Thordis. Em 1999, foi a vez da publicação de Terra X, que incluía uma versão feminina de Thor. O próprio Loki já teve uma encarnação feminina nos últimos anos. A questão remonta ao direito de brandir o martelo pela honra de quem o porta, mas a dicotomia política atual parece ter confundido os fãs de Thor, que assumem em inúmeras postagens um espectro de masculinidade tóxica.

Quando da divulgação feita pela Marvel Comics em 2014, acompanhamos uma verdadeira inundação dos blogs de quadrinhos com comentários extremamente machistas, em um dos mais tradicionais canais de divulgação de notícias sobre a temática dos quadrinhos no Brasil (Universo HQ) evidenciamos na seção de comentários alguns fãs indignados, emitindo frases como: “O feminismo e o politicamente correto tão matando o mundo”[1]. Ainda:

A Marvel resolveu ridicularizar seus próprios personagens. Já não falta o que fizeram com o Homem-Aranha, agora é a vez do Thor. **Estaremos sendo conduzidos a uma sociedade matriarcal?** Querem nos fazer crer que as mulheres podem ser tão fortes, fisicamente falando, quanto os homens? Desse jeito vai chegar o dia em que os homens afeminados ficarão em casa cuidando dos filhos enquanto as mulheres parrudas irão para o trabalho. **E elas ainda terão amantes lésbicas porque ninguém é de ferro** (CODESPOTI, 2014, grifo nosso).

Alguns leitores do sítio eletrônico ainda alegam que a mudança é ótima, pois, economizarão dinheiro ao não adquirir as revistas, ressaltando possíveis apelidos a personagem, como Thorella, TransThora, Ridithora e questionam o que será das histórias quando a personagem estiver de TPM. É evidente que não nos cabe emitir um julgamento em relação a qualidade da personagem, porém, a Jane Foster de 2014 (Jason Aaron) não é diferente da Jane Foster dos anos 1970 e de 1999. De acordo com Codespoti (2014), os leitores que acompanham o desenvolvimento da trama sabem que ela sempre foi uma personagem bem desenvolvida pelos roteiristas.

Essa personagem frágil, por outro lado, é ofuscada quando ela se transforma em Thor, passando a desempenhar o papel de extrema força, encarando durante a trama inúmeros adversários como: deuses, vilões, seres fantásticos, força universal (nos títulos da editora uma dessas entidades é a força fênix) e Mangog (vilão cósmico que possui a força de mil seres). Em muitos aspectos, Jane Foster se vale da própria luta contra a doença extremamente invasiva para ser um exemplo de mulher que luta e que não abandona o propósito, mesmo diante de uma situação de revés tão evidente.

É constante a discussão de merecimento do poder e se realmente deve desempenhá-lo (por conta da saúde), entretanto, é nessa perspectiva que o autor trabalha a emancipação do ser social, pois a protagonista vai contra todas as opiniões para ser quem ela deseja ser. Ela entende que possui capacidade para alcançar conquistas e mesmo diante da morte, não desiste de ser independente. Além da Thor, o elenco coadjuvante é profundamente representativo. Entre os nove reinos místicos, estavam presentes três soberanas: rainha Aelsa (Alfheim), Lady Freya (Asgard) e rainha do fogo (Muspelheim), além da rainha Karnilla, regente do Reino de Nornes.

No início da trama, Odin retoma o comando de Asgard e se coloca crítico ao governo de sua esposa, sendo possível supor que sem o patriarcalismo existe o caos, raciocínio fortalecido com o posicionamento do deus asgardiano, no qual Lady Freya precisava lembrar seu lugar no mundo, logo de submissão. Entre os reinos, existe o Congresso dos Mundos, uma espécie de ONU onde são discutidas questões importantes, no qual dos 14 senadores, seis são mulheres, e durante a história se forma uma Liga dos Reinos para evitar uma guerra e dos nove integrantes, cinco trazem personificação: Sif (Asgard), Ângela (exilada de Parayzo), Titanya (gigantes da montanha), Roz Soloman (Midgard) e a Thor. Perceptível que o desempenho do poder militar e político não é restritivo.

Mesmo que se estabeleça a representatividade, a sexualização ainda é significativa. De acordo com Francisco Jr e Luís Piassi (2014), a construção de personagens vai ao encontro de como o homem imagina o feminino, partindo do pressuposto que o roteirista e/ou desenhista sejam do gênero masculino, sendo expressos anseios, valores e preconceitos. Durante a sua concepção, nem mesmo a Mulher Maravilha escapou da conotação sexual. Além da roupa decotada e as pernas nuas, o uniforme também era composto por um par de braceletes e um laço, no qual Junior e Piassi (2014) relaciona com o fetichismo do criador. O ápice do estereótipo corporal foi durante os anos 90, quando o feminino era desenhado com seios grandes, cintura ultrafina e pernas desproporcionais.

Nos projetos de Jason Aaron e Russell Dauterman não é explícita essa sexualização. A personagem Thor é desenhada com um uniforme sem nenhum apelo, assim como a maioria das coadjuvantes, a exceção da vilã Oubliette Midas, que aparece com roupa de borracha, menção ao fetichismo por látex. Em contrapartida, em duas ocasiões, o roteirista condena esse recurso gráfico. Na oitava edição de “Thor”, é trabalhado o diálogo entre a Mulher Aranha e a Capitã Marvel, em que a primeira chama a Thor de gostosa, e prontamente é repreendida pela rotulagem; e no volume 13 de “Mighty Thor”, no qual, diante da formação da Liga dos Reinos, a agente Roz Soloman comenta que ao menos a anja Ângela está menos desnuda, referência ao erotismo evidente na origem da personagem.

Uma crítica presente à indústria dos quadrinhos é a longa hegemonia masculina, um domínio que constituiu estereótipos e em parte responsável pela menor presença de protagonismo feminino. Denise Siqueira e Marcos Vieira (2009) acrescentam que existe uma falsa noção de liberdade, pois mesmo que a mulher seja pensante e atuante, ela ainda segue expectativas corporais e comportamentais. Essa projeção masculina para Janice Barcelos (2000) gera a inexistência de uma identidade.

Por outro lado, McCloud (2006) entende que é compreensível que ao se tratar de uma condição social ou física que somente uma minoria experimente, os que partilham de um posicionamento baseado no princípio do local de fala terão vantagem de retratá-la, mas é um exagero dizer que um autor branco não pode escrever um personagem negro, ainda assim, ele no máximo irá presumir uma condição. Partindo do princípio de que a jornada da Thor esteve sob criação de dois autores homens, essas perspectivas são relevantes, mas durante todas as edições houve respeito com o gênero feminino, trazendo objetivamente a ideia de que as mulheres são sujeitos sociais e capazes de alcançar o que desejarem a partir de suas capacidades.

Tal qual grandes escritoras o fizeram ao fim do século XIX, muitas mulheres na transição do XIX para o XX atuavam como ilustradoras e quadrinistas em periódicos, revistas e outros meios tipográficos, porém, sempre escondidas sob um pseudônimo masculino ou valendo-se do recurso de abreviação do nome. Essas restrições à identificação feminina nos grandes editoriais duraram praticamente a metade do século XX inteira. Ediliane Boff (2014) enfatiza que essa marginalização das mulheres ilustradoras foi forte em países como EUA, Japão e Inglaterra, somente a partir de 1960-1970 houve maior liberdade com o movimento underground e uma certa liberdade de assinarem seus próprios trabalhos.

Dentre os títulos analisados, somente em “Mighty Thor” houve atuação criativa feminina. A artista Veronica Gandini desenhou e coloriu algumas páginas para as edições 20 e 21, sendo que na edição 22 apenas atuou nas cores; a edição 700 contou com contribuição tanto na ilustração como na colorização de Becky Cloonan e Jill Thompson. Se considerarmos a longevidade do personagem Thor, que aparece pela primeira vez na famosa antologia de ficção científica “Journey into Mystery #83, em 1962 e o número de revistas que foram produzidas ao longo desses quase 60 anos de personagens, a atuação feminina na produção dos quadrinhos é praticamente nula.

### 3 CÂNCER DE MAMA: UM VILÃO A SER DETIDO!

O câncer como patologia afeta as mulheres em casos de mama, colo do útero, ovário, pele, estômago, entre outros. A partir de dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2019), é constatado que anualmente as ocorrências de mama correspondem a 29%, sendo que em 2018 foram 59.700 casos, que provocaram a morte de 16.724 mulheres. Apesar de toda disponibilização de informações para a conscientização, Elisa de Castro, Vanessa Teixeira e Michel Duarte (2017) compreendem que ainda existe a necessidade de mais estratégias educativas para maior prevenção. Nessa questão, Guilherme Gallego (2014) afirma que a editora Marvel Comics já abordou questões de saúde na década de 90, como a AIDS em “The Incredible Hulk” número 420 e a leucemia em “Amazing Spider-Man” edição 248.

Em 2012, a editora participou de uma campanha de prevenção ao câncer de mama em parceria com a fundação Susan G. Komen for the Cure com capas especiais em tom de rosa em alguns títulos e páginas com informações sobre a doença.

Figura 2 - Tons de rosa nas capas dos principais títulos Marvel.



Fonte: Seleção dos autores.

Em “Thor” e “Mighty Thor” o roteirista Jason Aaron aborda essa temática como um dos focos principais, pois a protagonista detém a enfermidade, explorando os sentimentos e os efeitos da quimioterapia. Mesmo com a possibilidade de ser uma deusa, a doença a torna humana. Narrativamente é interessante a opção do autor por colocar que a transformação em Thor faz Jane Foster retardar o tratamento, colocando a personagem no dilema se deve ou não se transformar, pois o mesmo irá levá-la a morte. Também é retratado que anteriormente a mãe de Jane Foster morreu da mesma doença, trazendo o peso dramático e a informação de que o câncer é hereditário.

Na edição 703 de “Mighty Thor” é utilizado a figura do Doutor Estranho para explicar como funciona o câncer de mama e o combate à doença, usando de uma linguagem de fácil compreensão ao público leigo. Uma das consequências mais nítidas da quimioterapia é a perda de cabelo, enfatizada pelos roteiristas no arco de Jane Foster. Para autores especializados como Carolina de Oliveira, Francisca de Souza, Marta Mendonça, Irwin de Mendes e Francisco Júnior (2010) a doença é muito temível não só pela celeridade agressiva do seu desenvolvimento, mas também, pelos traumas visíveis que alteram completamente a identidade pessoal e a imagem corporal daqueles que precisam se assujeitar ao tratamento.

A questão da saúde de Jane Foster também não agradou aos fãs de Thor no Brasil. Selecionamos alguns comentários em portais especializados sobre Histórias em Quadrinhos, buscando especificamente manifestações sobre a exposição da doença da protagonista e percebemos que essa questão não é percebida como uma capacidade de luta, de resiliência e sim como uma ridicularização, pois é percebido como incoerente com a própria ideia do personagem Thor. Aquela percepção idílica do personagem principal que suporta todas as adversidades para prosperar no final, parece não agradar em Jane Foster, mas talvez a questão esteja mais solidificada na possibilidade das mulheres serem representadas como fortes a ponto de uma delas ser “digna de portar o Martelo”:

Totalmente forçado (não por ser uma mulher) e sem lógica. Ele podia ter colocado a Sif, a Valquíria ou se brincar até a Frigga, mas ele coloca a Jane, humana (doente) sem habilidade nenhuma que ao pegar o Mjolnir (a arma mais poderosa, mas ainda "só" uma arma) se torna mais pica que o Thor (sim Thor, e não só Odinson, Thor é seu nome de batismo) se brincar até com mais poderes, sem falar de outras coisas (UNIVERSO HQ, 2019).

Ainda:

Parece que na falta de bons roteiristas, boas histórias, chamar a atenção pela criatividade, a Marvel resolveu ridicularizar seus próprios personagens. Já não falta o que fizeram com o Homem-Aranha, agora é a vez do Thor. Estaremos sendo conduzidos a uma sociedade matriarcal? Querem nos fazer crer que as mulheres podem ser tão fortes, fisicamente falando, quanto os homens? Desse jeito vai chegar o dia em que os homens afeminados ficarão em casa cuidando dos filhos enquanto as mulheres parrudas irão para o trabalho. E elas ainda terão amantes lésbicas porque ninguém é de ferro (UNIVERSO HQ, 2019).

Os comentários seguem a linha de raciocínio tal qual apresentamos acima, os usuários contrários ou que procuram desconstruir as postagens misóginas, sexistas ou violentas são execrados com mais violência ou totalmente silenciados pela comunidade de leitores, que acenam para um intuito da produtora dos gibis lucrar com o momento atual: “Pra mim é extremamente claro a influência do momento social atual nos filmes da Marvel, a mesma buscando entrar no mesmo barco e querendo lacrar”(OMELETE, 2019). Alguns comentários são enfáticos ao explicar o seu posicionamento: “Vocês podem escrever uma Bíblia pra tentar nos fazer entender, mas não adianta. Thor é O THOR” (OMELETE, 2019).

Entendemos como relevante discutir a questão da saúde da mulher no contexto explorado pelos roteiristas a partir da personagem Jane Foster. São impactos emocionais ou psicossociais, que fazem parte da conduta clínica de um paciente diagnosticado com câncer, seja do medo da morte ou da mudança da identidade física. O dano ao cabelo particularmente simboliza a maior frustração. Desde os tempos antigos, esse representa um elemento fundamental da personalidade, beleza, força e sedução na opinião Ana Lucia Santos, Milena Conceição e Dyane Brito (2012). Tendo o cabelo o poder de transmitir mensagens, emoções e opiniões, a Thor aparece com seus longos cabelos loiros, representando, portanto, a força feminina por completo. Ainda assim, Jane Foster é retratada careca e utilizando turbantes para esconder sua “vergonha”. Na imagem abaixo, o desenhista Russell Dauterman, na abertura da edição 13 de “Mighty Thor” nos proporciona uma sequência com a protagonista raspando o cabelo de uma amiga, através dos quadros é possível capturar todas as emoções que as personagens estavam sentindo no momento e auxilia-nos a pensar nos impactos visíveis do câncer.

Figura 3 – Os impactos visíveis do câncer.



Fonte: MIGHTY THOR. New York: Marvel Comics, n.13, nov. 2016.

Tanto em “Thor” como em “Mighty Thor” os quadrinistas conseguem captar perfeitamente a dualidade vivida pela heroína: a luta contra uma enfermidade e um embate com seres fantásticos. Enquanto lição para um público leitor, entendemos que o roteirista quer desconstruir essa figura frágil e adoecida de Jane Foster, permitindo aos leitores fazer uma reflexão não só acerca da construção da personagem no arco, mas entender a importância das campanhas de saúde da mulher, da importância dos exames preventivos e das inúmeras instituições que existem no mundo para apoiar essa causa. A luta de Jane Foster contra o câncer não pode ser vista como uma fraqueza e sim como um agente de humanização da personagem, que mesmo recebendo os poderes oriundos do martelo, ainda convive e luta contra a irradiação da doença.

#### 4 DEUSES: BONS OU RUINS?

A narrativa construída por Jason Aaron, apesar de girar entorno de deuses da mitologia nórdica e cósmica, contém crítica às religiões atuais. Rubens Alves (1991) compreende que a fé e um deus superior foram extremamente presentes nos quadrinhos até o surgimento das perspectivas científicas e tecnológicas. O autor traz que por muito tempo esteve presente uma educação religiosa, a abordagem de milagres e experiências místicas justificadas na existência de um grande poder espiritual, bem como o universo físico estruturava-se no drama da alma humana, na qual a realidade precisava ter algum sentido.

Sobre essa questão, o roteirista traz uma crítica na edição 700 de “Mighty Thor”, em uma situação em que Odinsan (ex-Thor) é o Pai Supremo e o responsável pela criação de uma nova humanidade. Mostra-se o deus dialogando que a criação dos homens não foi realizada em busca de adoração e que a existência não tem um sentido claro. Jason Aaron, portanto, evidencia que o argumento religioso de uma vida com propósito é irrelevante, apenas deve-se viver.

Urbano Zilles (2008) sugere que a religião se faz importante para a identidade pessoal e a função terapêutica e/ou moral. Entretanto, essa noção que a fé traz a paz e o conforto é contestada em duas circunstâncias. Em um primeiro momento, Jane Foster questiona onde estavam as divindades Shiar quando um paciente com câncer cerebral morreu, mesmo rezando para todos os deuses; e em uma cena do passado, com a protagonista confrontando o deus Thor, perguntando onde ele se encontrava quando ocorreu um acidente fatal com seu filho e marido.

Para Alves (1991), a religião funciona como mecanismo para trazer e manter a paz, pregando o drama da salvação, o medo do inferno e a caridade de Deus ao levar as almas ao céu. O roteiro utiliza das divindades do Império Shiar para contrapor o aspecto da caridade. Os deuses propõem uma competição a Thor e durante esse desafio argumentam que não importa a catástrofe que causem, a idolatria será sempre maior; e mostra em uma situação o egoísmo divino, ao expor o pedido a um pai para que sacrifique o filho em nome dos ídolos. Utilizando-se da Thor para condenar essas situações, se faz claro a discordância do autor quanto a tolerância em questões bíblicas, onde em várias passagens Deus esteve por trás de morte de inúmeras pessoas, como em Sodoma e Gomorra, e no teste psicológico, a exemplo Abraão e Jó.

Notamos, ao analisar os arcos onde Jane Foster é protagonista, que esse sentimento de espiritualização e de divinização da personagem não é evidente, mesmo quando ela apresenta características bem estabelecidas de uma forma superpoderosa de existir, como desafiar a morte para defender outros, exibir habilidades que não podem ser alcançadas com anos de treinamento e capacidade de realizar feitos que estão para além da compreensão da ciência. O poder recebido através do martelo não confere a Jane a imortalidade, esse flerte com a possibilidade de morte constante é um tema muito investigado em personagens cuja morte é impensável, como Vandal Savage, Senhor Imortal, Capitã Marvel, Wolverine, Deadpool, Spawn, entre outros. Para Aarton David Lewis (2015, p. 7):

A criação do super-herói foi a resposta dos anos de 1930 à moralidade, não ainda à mortalidade. Muitos estudiosos dos quadrinhos comentaram sobre a gama de fatores possíveis que conduziram ao surgimento do super-herói neste período extraordinário. Muitos deles – da imigração à Depressão, do racismo ao classicismo, dos assuntos mundiais aos conflitos locais – podem ser resumidos aos Estados Unidos reajustando sua moralidade. Como os estrangeiros deveriam ser tratados? Como a nossa sociedade funciona? O que é justiça? Leitores de todas as idades, especialmente jovens, correram para as aventuras de super-heróis para ter esses assuntos discutidos (2015, p. 7).

A questão das religiosidades nas histórias em quadrinhos vem sendo debatida de maneira profícua no Brasil. Existem produções bem engajadas com o debate, como o livro “Religiosidades nas histórias em quadrinhos”, organizado por Amaro Xavier Braga Jr e Iuri Andreas Reblin, dois dos maiores articulistas sobre a temática na atualidade nacional, cuja proposta reside:

[...] provocação do exercício de olhar para bens artístico-culturais específicos, neste caso, às histórias em quadrinhos, a fim de investigar e perceber de que maneira os aspectos e as características atinentes às religiosidades encontram eco em suas narrativas (BRAGA JR; REBLIN, 2015, p. 5).

O próprio Spawn, citado acima, foi objeto de pesquisa de Cristina L. M. Xavier em “Spawn, o soldado do inferno – mito e religiosidade nos quadrinhos”, publicado em 2004. Essa obra é considerada como marco inaugural da busca pelo viés da religiosidade (seja qual sua expressão) nas histórias em quadrinhos, por Christian David Soares Bitencourt, que é responsável pelo balanço mais recente sobre religião e HQ's no Brasil, publicado em 2019 na revista Teoliterária.

Trata-se de uma revisão de literatura cuja finalidade é averiguar o estado da arte desta pesquisa no Brasil. Ainda que a exploração não seja exaustiva, ela é abrangente ao ponto de servir como porta de entrada para os pesquisadores que almejam estudar este tema. Os textos são reunidos em quatro categorias: teologia e HQs, quadrinhos e ciências da religião, HQs e ensino religioso, quadrinhos e divulgação religiosa, e quadrinhos como expressão espiritual ou arte visionária, com artigos que estão na zona limítrofe entre duas ou mais classificações (BITENCOURT, 2019, p. 19).

Quando pensamos, mais especificamente, na divindade Thor, encontramos artigos que apresentam uma discussão mais genérica no campo dos estudos de religiosidades sobre a mitologia nórdica. Quando discorremos sobre as percepções dessa religiosidade nas histórias em quadrinhos, temos uma queda na produção de textos sobre essa faceta mais específica. No Brasil, temos a investigação de Leandro Vilar de Oliveira, que trabalha com História e Cultura Histórica e escreveu um artigo que é um ponto de partida, intitulado: “Thor- do mito a super-herói. A reinvenção moderna do deus nórdico do trovão”, publicado em 2015. Um texto de quatro páginas de Johnni Langer, publicado em 2006, pela Revista Brathair: “As representações do deus Thor nas HQs”.

Gazy Andraus, em 2006, publicou alguns debates como pesquisador do Observatório do HQ, da Escola de Comunicação e Artes da USP, fazendo intersecção com outros personagens: “A questão espiritual nas histórias em quadrinhos de Thor, Surfista Prateado e Super-Homem”. O autor discorre nesse ensaio sobre um padrão universal, que ele chama de arquetipização cósmica, algo que transcende a humanidade do herói representado e o eleva a uma entidade espiritual, em alguns casos, digna de culto (ANDRAUS, 2006, p. 2).

Caberia, oportunamente, uma pesquisa mais ampla para diagnosticarmos essa questão, talvez a realização de uma captação por eixos como propôs Bitencourt (2019), por hora, o que desejamos apontar superficialmente é que existe uma lacuna para análises desse eixo tanto em Thor, quanto em Mighty Thor, onde questões vinculadas aos deuses podem ser deslocadas facilmente para debates atuais e relacionadas a outras religiões mais populares, como o cristianismo, por exemplo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo dos quadrinhos é múltiplo, difuso e extremamente complexo. Existem muitos gêneros e cada um possui as suas características específicas e seu público. As aventuras de super-heróis movimentam uma grande quantidade de fãs, roteiristas, ilustradores e fornecem milhares de dólares a investidores do segmento. As grandes franquias e suas principais personagens são alvo de expectativas distintas em relação ao próximo arco de quadrinhos, ao próximo filme ou série televisiva. Mudanças como a introduzida por Jason Aaron são geralmente recebidas com cautela e vão ganhando espaço com a continuidade e insistência, fator muito positivo por possibilitar novos temas e debates distintos em um espaço que geralmente se apresenta conservador, sexista e com traços firmes de machismo.

É perceptível que os quadrinhos não podem ser rotulados como uma subcultura, pois em menos de 40 edições, Jason Aaron e Russell Dauterman conseguiram trabalhar várias questões sociais que refletem o cotidiano, as disputas de gênero, o sexismo, as dificuldades que inúmeras pessoas passam lutando contra o câncer etc. O protagonismo de Jane Foster foi um dos maiores destaques, haja vista que, na maioria das produções os personagens secundários são estereotipados e/ou classificados de acordo com sua proximidade da figura principal, “a namorada do”, “a tia de”, “o principal rival do” etc. Em quatro anos de produção, os autores supracitados estabeleceram ao público que as mulheres são capazes de realizar o que quiserem sem a dependência masculina. O gênero antes considerado por muitos como “frágil” se transforma em independente sem diminuir o masculino, provando seu valor a partir das mesmas oportunidades.

A dinamização do conteúdo abordado é positivo por diversificar os consumidores, capturando a atenção do público feminino ao gerar identificação e servindo de inspiração, proporcionando o fortalecimento de luta por maior igualdade social. Caso o homem seja capaz, a mulher também é. Um desdobramento é a possibilidade de inibir o machismo estrutural em jovens leitores, os acostumando com a autonomia feminina. O lado da saúde, por sua vez, humaniza a relação humana com o câncer, assim como conscientiza o combate.

Por fim, entendemos que as histórias em quadrinhos para se firmarem como meio de comunicação em massa, estabeleceram inúmeros estereótipos para caracterizar cada grande personagem e que essa caracterização ainda é eivada de uma forte carga ideológica, reproduzindo preconceitos, invisibilizando a equidade de gênero e/ou promovendo interpretações sexistas em relação às personagens femininas.

Os quadrinhos atuais são mais reflexivos e críticos em relação a temas sensíveis, não se furtam aos embates, mesmo desagradando parte do público tradicional, logo, possibilitam o desenvolvimento intelectual e uma maior abertura para a igualdade de gênero, fato que nos permite concluir que: mesmo sendo produto da indústria cultural, os quadrinhos significam muito mais do que um simples embates entre heróis e vilões, sendo atemporais e imprescindíveis na promoção de debates importantes da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANDRAUS, Gazy. A questão espiritual nas histórias em quadrinhos de Thor, Surfista Prateado e Super-Homem. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 31, 2008, Natal. **Anais [...]**. Natal/RN: Intercom, 2008.

BARCELLOS, Janice Primo. O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte I: A mulher pelos olhos dos homens. **Agaque**. v. 2, n. 4, 2000. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm) Acesso em: 20 ago. 2020.

BITENCOURT, Christian David Soares. A pesquisa sobre religião e histórias em quadrinhos no Brasil. **Teoliterária**, v. 9, n. 18, p. 17-45, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/43790>. Acesso em: 30 maio 2021.

BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt-br.php>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRAGA, Amaro; REBLIN, Iuri Andréas (org.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina: ASPAS, 2015.

CASTRO, Elisa Kern de; TEIXEIRA, Vanessa; DUARTE, Michael Quadros. Elaboração e avaliação de material educativo sobre a prevenção do câncer de mama. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v. 25, p. 51-57, 2017.

CIRNE, Moacy. **Bum! A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1977.

CODESPOTI, Sérgio. Novo Thor será mulher. **Universo HQ Notícias**, 2014. Disponível em: <http://universohq.com/noticias/novo-thor-sera-uma-mulher/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GALLEGO, Guilherme dos Santos. **Restaurando a esperança: desenvolvimento de uma HQ para crianças em tratamento contra o câncer**. 2014. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

INCA (Instituto Nacional de Câncer), 2019. **Tipos de Câncer: Câncer de Mama**. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>. Acesso em: 20 ago. 2020.

LANGER, Johnni. As representações do deus Thor nas HQs. **Revista Brathair**, v. 6, n. 1, p. 50-54, 2006.

LEWIS, Aaron David. Salvando o dia. In: BRAGA, Amaro; REBLIN, Iuri Andréas (org.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina: ASPAS, 2015, p. 07-16.

MALTAURO, Marlon Ângelo. A trajetória do deus Thor nas HQs. **Notícias Asgardianas**, p. 117-124, 2016.

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006.

MELLO, Kelli Carvalho; RIBEIRO, Maria Ivanilse. Vilãs, mocinhas ou heroínas: linguagem do corpo feminino nos quadrinhos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. v. 6, n. 2, p. 105-118, 2015.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.1, nov. 2015 .

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.2, dez. 2015.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.3, jan. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.4, fev. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.5, mar. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.6, abr. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.7, mai. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.8, jun. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.9, jul. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.10, ago. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.11, set. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.12, out. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.13, nov. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.14, dez. 2016.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.15, jan. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.16, fev. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.17, mar. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.18, abr. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.19, mai. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.20, jun. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.21, jul. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.22, ago. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.23, set. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.700, out. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.701, nov. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.702, dez. 2017.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.703, jan. 2018.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.704, fev. 2018.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.705, mar. 2018.

MIGHTY THOR. New York: **Marvel Comics**, n.706, abr. 2018.

NASCIMENTO JR, Francisco de Assis; PIASSI, Luis Paulo. Crise de identidade: a representação de gênero nos quadrinhos de super-heróis. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2014, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: CONINTER, 2014. Disponível em: <http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2007/44.%20PIASS%20NASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Carolina Linard et al. Câncer e imagem corporal: perda da identidade feminina. **Revista Rene**, v. 11, número especial, p. 53-60, 2010.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Thor – do mito a super herói. A reinvenção moderna do deus nórdico do trovão. **História, imagem e narrativas**. n. 18, 2014. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em: 30 maio 2020.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Famecos, n. 5, 1996.

SANTOS, Ana Lucia da Ressurreição dos; CONCEIÇÃO, Milena Barbosa; BRITO, Dyane. Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada: A importância do cabelo na construção da identidade da raça negra. Encontro Baiano de Cultura, 3, 2012, Cachoeira. **Anais [...]**. Cachoeira: EBECULT, 2012. Disponível em: [encurtador.com.br/dtwV8](http://encurtador.com.br/dtwV8) Acesso em: 20 ago. 2020.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: Representações das mulheres nos quadrinhos. **Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 5, n. 13, p. 179-197, 2009.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.1, out. 2014.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.2, nov. 2014.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.3, dez. 2014.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.4, jan. 2015.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.5, fev. 2015.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.6, mar. 2015.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.7, abr. 2015.

THOR. New York: **Marvel Comics**, n.8, mai. 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018.

XAVIER, Cristina L. M. **Spawn, o soldado do inferno** - mito e religiosidade nos quadrinhos. São Paulo: Difusão, 2004.

ZILLES, Urbano. A Crítica Da Religião Na Modernidade. Interações: **Cultura e Comunidade**, v. 3, n. 4, p. 37-53, 2008.

**Artigo recebido em: 03 mar. 2021. | Artigo aprovado em: 09 jun. 2021.**